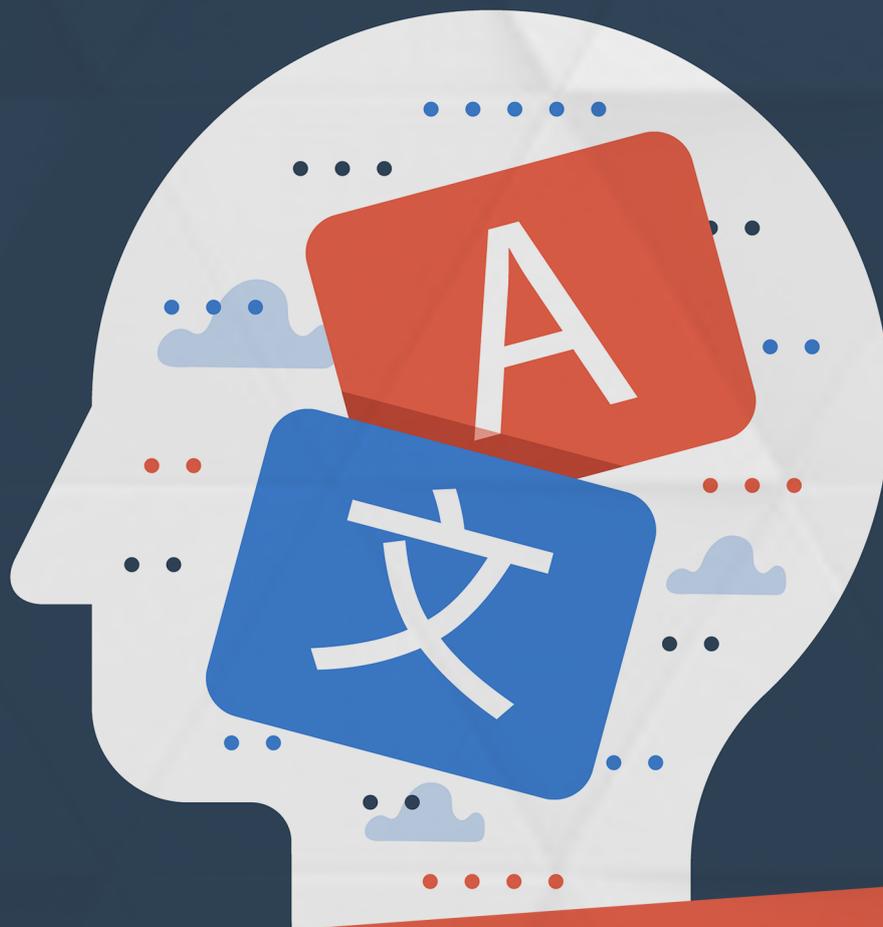


LETRAS: SEMIÓTICA, LINGUÍSTICA E SUAS VERTENTES



**ANGELA MARIA GOMES
(ORGANIZADORA)**

Atena
Editora

Ano 2020

LETRAS: SEMIÓTICA, LINGUÍSTICA E SUAS VERTENTES



**ANGELA MARIA GOMES
(ORGANIZADORA)**

Atena
Editora

Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Karine de Lima

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

L649 Letras: semiótica, linguística e suas vertentes [recurso eletrônico] /
Organizadora Angela Maria Gomes. – Ponta Grossa, PR: Atena
Editora, 2020.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-923-3
DOI 10.22533/at.ed.233201601

1. Letras. 2. Linguística. 3. Semiótica. I. Gomes, Angela Maria.
CDD 410

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Em uma definição simplificada, a semiótica revela as formas como o indivíduo dá significado a tudo que o cerca, estudando os signos e todas as linguagens e acontecimentos culturais – Artes visuais, Música, Fotografia, Cinema, Moda, Gestos, Religião... – Letras: Semiótica, Linguística e suas Vertentes traz uma seleção de artigos que estudam como estes mecanismos de significação se processam natural e culturalmente.

Partindo desde análises de romances - Chão Bruto, quanto ao seu processo de elaboração -; passando pela transposição de elementos literários de Rachel de Queiroz para a visualidade televisiva; poemas como Mal Secreto - a partir da ótica da análise do discurso considerando fatores como o contexto social e histórico em que foi produzido, apontando, numa abordagem inovadora, alguns motivos os quais podem levar alguém a uma vida de aparências e analisar como o poema apresenta uma temática muito presente nos dias atuais: a depressão -; chegamos até a Literatura Amazonense e sua abordagem durante a formação acadêmica.

Os avanços tecnológicos configuram mudanças significativas na linguagem, nessa perspectiva, novas formas textuais emergem e apresentam outras concepções de textos. Aqui encontramos os “memes”, apresentados como gêneros que acrescem a possibilidade de uma leitura dinâmica e participativa por oferecer categorias discursivas e aspectos multissemióticos na sua composição, ampliando assim os estudos linguísticos e discursivos. Enfocando o gênero biográfico, enquanto elemento que legitima expressões e perspectivas dissidentes, discute-se a expressão (auto) biografia - concebida como expressão que permite apreender conjunturas coletivas a partir de óticas individuais.

É notório como a educação ainda enfrenta problemas relacionados à questão da linguagem. Por conseguinte, o professor e a escola desempenham um papel primordial nessa questão, pois são esses os encarregados em fazer com que o indivíduo obtenha um bom aprendizado no seu desenvolvimento linguístico. Nesse sentido, a formação profissional dos educadores deve estar sempre em evidência para suprir tais demandas. Dessa forma aqui encontramos estudos acerca do desenvolvimento progressivo de docentes, assim como a prática de uma educação inclusiva, tanto no que diz respeito a alunos com deficiência, e mesmo aqueles que vivem em periferias, apresentando a linguagem como uma forma de empoderamento desses indivíduos.

Viver em uma sociedade em letramento requer a competência de concretizar distintas formas de leituras que emergem cotidianamente, assim como práticas pedagógicas que sejam de natureza inclusiva e emancipatória. Letras: Semiótica, Linguística e suas Vertentes vem no auxílio dessas reflexões.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A PRÁTICA INTER-REFLEXIVA NA FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFESSOR DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS	
Yuri Andrei Batista Santos	
DOI 10.22533/at.ed.2332016011	
CAPÍTULO 2	11
ANÁLISE DISCURSIVA DO POEMA “MAL SECRETO”, DE RAIMUNDO CORREIA: OS SENTIMENTOS POR TRÁS DAS MÁSCARAS	
Vitória Carvalho dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.2332016012	
CAPÍTULO 3	21
ANÁLISE MULTISSEMIÓTICA DE MEMES ANTIFEMINISTAS	
Adriana Coelho Freitas Avacy Primário de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.2332016013	
CAPÍTULO 4	33
COLONIALIDADE E EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO DO VOTO VENCIDO DO JULGAMENTO DA ADI 5357	
Bianca Quitéria de Moura Santana Virgínia Colares	
DOI 10.22533/at.ed.2332016014	
CAPÍTULO 5	50
ESPAÇO BIOGRÁFICO: MÚLTIPLAS FORMAS DE ENUNCIÇÃO E PERSPECTIVAS DISSIDENTES	
Leandro Souza Borges Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2332016015	
CAPÍTULO 6	65
LITERATURA E REPRESENTAÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL NO ROMANCE <i>CHÃO BRUTO</i> DE HERNÂNI DONATO	
Jesuino Arvelino Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.2332016016	
CAPÍTULO 7	77
<i>MEMORIAL DE MARIA MOURA</i> , A MULHER NO FAROESTE-FOLHETIM BRASILEIRO: NOVAS PERSPECTIVAS LITERÁRIAS E TELEVISIVAS DA CULTURA	
Camille Harzig Carradore Dirceu Martins Alves	
DOI 10.22533/at.ed.2332016017	
CAPÍTULO 8	89
O DISCURSO INCLUSIVO NO LETRAMENTO DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL COM UTILIZAÇÃO DE RECURSOS TECNOLÓGICOS	
Jandira Azevedo da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2332016018	

CAPÍTULO 9	101
O EMPODERAMENTO POR MEIO DA LINGUAGEM: UMA ANÁLISE DA PERSPECTIVA DE FUTURO OBSERVADA EM TEXTOS ESCOLARES DA PERIFERIA DE BRASÍLIA	
Mara Cristina Santos Freitas Escórcio	
DOI 10.22533/at.ed.2332016019	
CAPÍTULO 10	112
O IMPACTO DA PEC 241/55 NO ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA NAS ESCOLAS PÚBLICAS	
Cíntia Cleane Bonfim Fragoso	
Juan Facundo Sarmiento	
DOI 10.22533/at.ed.23320160110	
CAPÍTULO 11	123
O LETRAMENTO LITERÁRIO AMAZÔNICO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LETRAS NA CIDADE DE MANAUS	
Maison Antonio dos Anjos Batista	
Maridulce Ferreira Lustosa	
DOI 10.22533/at.ed.23320160111	
CAPÍTULO 12	138
REFLEXÕES SOBRE MULTIMODALIDADE NO ENSINO DE PORTUGUÊS BRASILEIRO COMO LÍNGUA ADICIONAL (PBLA): POTENCIALIDADES DA RESSEMIOTIZAÇÃO DE VÍDEOS	
Janaína de Aquino Ferraz	
Glauber Rodrigues de Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.23320160112	
CAPÍTULO 13	142
REPÓRTER-PERSONAGEM: FOCO NARRATIVO, SEMIOSE E VINCULAÇÃO NA REPORTAGEM 'A CASA DE VELHOS', DE ELIANE BRUM	
Maria Cecília Costa Braga da Silva	
Ítala Clay de Oliveira Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.23320160113	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	147
ÍNDICE REMISSIVO	148

O DISCURSO INCLUSIVO NO LETRAMENTO DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL COM UTILIZAÇÃO DE RECURSOS TECNOLÓGICOS

Data de submissão: 14/10/2019

Data de aceite: 13/12/2019

Jandira Azevedo da Silva

Universidade de Brasília

Brasília – DF

<http://lattes.cnpq.br/9031721719559513>

RESUMO: Com o advento da tecnologia, surgem novas possibilidades de equipamentos, se utilizados de forma adequada, contribuem com o crescimento pessoal e profissional das pessoas. Como apresentado no título do artigo, seu objetivo consistiu em analisar o discurso inclusivo no processo de letramento de estudantes com deficiência visual, mediante utilização de recursos tecnológicos. Para alcançá-lo, realizou-se revisão bibliográfica, com análise qualitativa dos dados. Apresentou-se características da deficiência visual, instrumentos utilizados por estudantes com essa deficiência, cegos ou com baixa visão, programas leitores de tela com síntese de voz. Empregou-se duas técnicas da pesquisa qualitativa: Observação Participante e Entrevistas Semiestruturadas. Seu corpus de análise baseou-se em observações realizadas em um Centro Especializado, destinado ao atendimento a estudantes com limitação visual,

localizado na RM (Região Metropolitana) de Goiânia, Goiás. Os dados foram obtidos por meio de entrevistas realizadas com professores da rede regular de ensino dessa cidade que ministravam aula para esses estudantes, famílias que tinham filhos nessas condições, entrevista com profissional de Telecentro, que atendia pessoas e/ou estudantes sem o sentido da visão. Ainda mediante duas palestras para professores de escolas inclusivas. Espera-se que seus resultados impulsionem discussões e gerem novas perspectivas sobre a adoção de recursos tecnológicos destinados a esses estudantes, paralelamente à utilização do Sistema Braille.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Letramento. Estudantes com deficiência Visual. Recursos tecnológicos.

THE DISCOURSE OF INCLUSION IN THE LITERACY OF VISUALLY IMPAIRES STUDENTS BY USING TECHNOLOGICAL RESOURCES

ABSTRACT: With the advent of technology, there have been new possibilities of equipment, if properly used, can contribute for personal and professional development. As presented in the title of this article, my goal is to analyze the discourse of inclusion in the process of literacy of visually impaired students, by using technological resources. In order to do

so, I present a bibliography review followed by a qualitative analyzes of the results. Presented characteristics of visual impairment and instruments used by students, with this impairment blind and low vision were presented, readers programmes of cloth with voice synthesizers. Employed two techniques qualitative researches: Participant Observation and Semi Structured Interviews. The corpus for analyzes was constituted by observations made in a specialized center created to assist students with visually limitation, located in RM (metropolitan region) of Goiania city, in the state of Goias. Data was collected by the means of interviews conducted with local teachers who had such students in the public system of education, as well as interviewing families with visually impaired children. There was an additional interview with one assistant at the Telecenter, which is an institution that supports visually impaired students and adults. Untill through two lectures to teachers of inclusive schools. I hope that these results can foster discussions as to foment new perspectives about the adoption of technological resources destined to these students, in addition to the Braille System.

KEYWORDS: Discourse. Literacy. Visually impaired students. Technological resources.

1 | INTRODUÇÃO

Este artigo, de caráter qualitativo, sustenta-se na perspectiva da etnografia enquanto lógica de investigação, já que se pretende trazer para o debate a problemática enfrentada por estudantes com deficiência visual em escolas inclusivas. Apresenta resultados parciais de três Projetos, dos quais fui integrante do primeiro até 2018, intitulado: “Capacitação para Professores – Área Deficiência Visual e os dois últimos, intitulados: Programa de Orientação e Apoio às Famílias” e “Assessoria às Escolas”, faço parte até o momento, ambos desenvolvidos na RM de Goiânia e em cidades do interior de Goiás.

Originário da Comunicação Oral apresentada no VII Colóquio e II Instituto da ALED-Brasil (Associação Latino-americana de Estudos do Discurso). Temas: Discurso, política e direitos: por uma análise de discurso comprometida, realizado em agosto de 2018 na UnB (Universidade de Brasília). Ao receber o convite da Atena Editora para participar do livro “Letras: Semiótica, Linguística e suas Vertentes”, fiz algumas alterações no artigo original.

Se se levar em consideração que os discursos são diferentes maneiras de representar aspectos situados do mundo: relações sociais, mundo material, valores, crenças, discurso inclusivo, o ser humano, desde os primórdios, tem necessidade de informações, sejam visuais, escritas, faladas ou ainda que no pensamento para poderem comunicar e evoluírem. Por se tratar de estudo em espaço formal de escolarização, há necessidade de práticas sociais, cruciais para entender identidades e discursos, podendo assim sugerir mudanças na prática social inclusiva, em uma relação dialética, discurso e prática sociais (FAIRCLOUGH, 2012).

Contudo, há uma questão para a qual necessita-se chamar a atenção: estudar aspectos sociais que tangenciam a inclusão/exclusão de práticas de leitura e escrita,

consideradas letramentos hegemônicos, a Análise de Discurso Crítica (ADC) na vertente de Fairclough (2012), apresenta-se como abordagem adequada para o debate de questões relacionadas ao letramento de estudantes com limitação Visual.

Com essa base, abre-se a possibilidade de identificar não apenas necessidades de infraestrutura e capacitação relacionadas aos letramentos, mas a oportunidade de discursos que moldam e são moldados pelas práticas sociais que organizam os letramentos inclusivos desses estudantes.

Além disso, informa-se que para haver inclusão no espaço escolar e/ou em qualquer outro espaço, é imprescindível oferecer a eles acessibilidade, que refere-se à condição para a utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida (ABNT 2015).

2 | CONSIDERAÇÕES SOBRE A DEFICIÊNCIA VISUAL

Conhecer as principais características referentes à deficiência visual é indispensável a qualquer pessoa que lida direta ou indiretamente com aquelas que têm essa limitação. A seguir, apresenta-se alguns conceitos desse tipo de deficiência, e, posteriormente, instrumentos e programas leitores de tela necessários ao processo de escolarização de indivíduos que têm limitação visual.

De acordo com o Decreto n. 3.298 (1999), conceitua-se deficiência visual: terminologia utilizada para designar o indivíduo com rebaixamento da acuidade visual (distância que um objeto pode ser visto) de um ou ambos os olhos, não sendo resolvido com o uso de óculos ou lente de contato.

Campo visual: toda informação visual que se recebe simultaneamente (180°). Comparado a um enorme círculo, subdividindo, em dois círculos concêntricos: Visão Central e Visão Periférica.

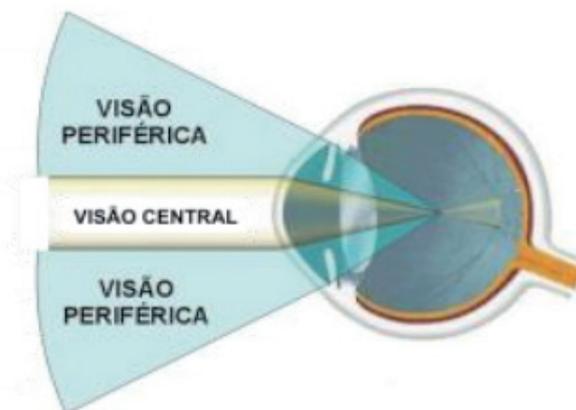


Figura 1 - Campo visual

Fonte: <https://metodoselfhealing.com.br/wp-content/uploads/2013/05/VisaoPeriferica2-300x177.png>

Cegueira Legal (OMS): Se a visão corrigida no melhor dos seus olhos for menor ou igual a 20/200, se uma pessoa vê a 20 pés (6 metros) o que uma pessoa de visão normal vê a 200 pés (60 metros), ou se seu campo visual for menor ou igual a 20 graus do melhor dos olhos.

Cegueira do Ponto de Vista Educacional: Ausência total de visão, até a perda da projeção de luz. O processo de aprendizagem será feito através dos sentidos remanescentes (tato, audição, olfato e paladar), utilizando o Sistema Braille como o principal meio de comunicação escrita.

Baixa Visão: Acuidade visual entre 0,05 (20/400) e 0,3 (6/18 ou 20/70) no melhor dos olhos com a melhor correção óptica possível (Tabela de Snellen).

2.1 RECURSOS ÓPTICOS E NÃO ÓPTICOS

O processo educativo de estudantes com baixa visão acontecerá principalmente, por meios visuais, utilizando recursos específicos: Lupa, telelupa, lentes telescópicas, nomeados cientificamente, recursos ópticos (SÁ; CAMPOLINA; SILVA, 2007), os quais auxiliam numa melhor visualização de letras e figuras e, são prescritos pelo médico oftalmologista.

Além disso, utilizam-se diretamente no processo de escolarização desses estudantes: cadernos de pauta dupla, Lápis 4B,6B, Canetas de ponta porosa, nomeados de recursos não ópticos (SÁ; CAMPOLINA; SILVA, 2007). São indicados por profissionais especializados em deficiência visual.

Já no processo educativo de estudantes cegos, utilizam-se, principalmente, os seguintes instrumentos: reglete de mesa e punção, reglete de bolso e punção, soroban, máquina Perkins, impressora braile, assinador para cegos, bengalas/bengala verde.

3 | DISCURSOS E RELAÇÕES SOCIAIS

Se os significados que permeiam o mundo moldam as relações sociais de acordo com padrões que as ordenam, institucionais e organizacionais (FAIRCLOUGH, 2010), depreende-se que se houver uma relação dialética (Palavra com origem no termo em grego *dialektiké* e significa a arte do diálogo, a arte de debater, de persuadir ou raciocinar), entre escola/docentes/estudantes com essa limitação, entre estes e seus colegas, todo corpo docente e as famílias com filhos que têm essa limitação, a inclusão acontecerá de fato.

De acordo com Fairclough (2010), a relação entre a construção das identidades culturais e a produção dos significados no mundo é dialética e a relação entre a semiótica e os outros elementos sociais acontece de forma dialética para gerar transformações nas práticas pedagógicas.

Além do discurso, as práticas incluem: ações, sujeitos e relações sociais, instrumentos, objetos, tempo e lugar, forma de consciência e valores. Entretanto, o que deve ficar claro, é que para a existência de uma educação inclusiva, é necessário

haver relações pedagógicas focadas nas diferentes formas de aprender das crianças, nas relações sociais que valorizam a diversidade em todas suas atividades e formas de convivência e trabalho.

Uma questão observada, é que na vida contemporânea, a maior parte dos conhecimentos provém das TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação), que, por sua vez, constroem imagens do mundo. O interesse pelo visual tem despertado a atenção de historiadores, antropólogos, sociólogos, educadores que passaram a refletir sobre as imagens e a necessidade de uma alfabetização visual expressa de diferentes formas: leitura de imagens e cultura visual (SARDELICH, 2006).

Entretanto, convém informar de que uma das maneiras de acesso ao mundo não visual por estudantes com deficiência visual, é realizada com a utilização de recursos tecnológicos, que além de propiciarem condições de leitura e escrita, por possuírem diversos recursos sonoros, os quais permitem a leitura de textos, livros, alguns deles, contam com ferramentas que permitem a descrição de imagens, mesmo que de forma auditiva.

Na opinião de Rocha e Deliberato (2012), as tecnologias continuam sendo aprimoradas, mas para que possam auxiliar professores no processo de ensinoaprendizagem de estudantes com deficiência visual, faz-se necessário desenvolver um estudo interdisciplinar, capaz de reunir conhecimentos advindos das áreas de educação, tecnologia, psicopedagogia, levando em consideração as necessidades dos estudantes com esse tipo de deficiência.

Legalmente, tanto as leis quanto os princípios legais, morais e éticos defendem a igualdade. Para que estudantes possam ter as mesmas condições de aprendizado, é necessário atender suas necessidades para que a igualdade se efetive de fato. Um aspecto de que não se pode negar, é que os estudantes com deficiência visual também necessitam ser inseridos nesse preceito de igualdade. Só assim é possível a existência de um processo de ensino aprendizagem justo e igualitário.

4 | LETRAMENTO VISUAL

Uma ampla discussão presente no meio acadêmico, é o questionamento se alfabetizar é decodificar signos ou a apropriação de um sistema simbólico. Barbosa (2012) defende a ideia de que alfabetizar não deve ser entendido como ato de ensinar letras e números, treino gráfico que enfatize letras e sílabas isoladamente. Segundo ela, o ato de ler e de escrever não é algo puramente mecânico, pois, se assim fosse, formaria apenas leitores passivos, não críticos.

Para compreender um sistema complexo, como é o da leitura e da escrita, são necessárias distintas formas de abstração de conhecimento, “para isso é fundamental terem estruturado formas de abstração e simbolização que iniciam na pequena infância: desenho, modelagem, construção, dança, teatro, jogo de faz de conta, pintura, uso de mapas, legendas, jogos de regras” (BARBOSA, 2012, p. 123).

Sobre a importância das abstrações que não se encerram em letras ou números se tem consciência. Porém e quando se trata de estudantes com limitação visual? Como vão poder ter a oportunidade de também desenhar, interpretar imagens, participar de outras formas de abstração que os estudantes com a visão normal participam diariamente?

No ponto do letramento que se refere à leitura de imagens, detecta-se grave falha em relação a esses estudantes. De acordo com Santaella (2012), vive-se cercados em grande escala por imagens visuais e os cérebros das pessoas são invadidos por elas desde o momento em que acordam até a hora em que vão dormir. A todo o instante estímulos de imagens são produzidos e em meio a essa verdadeira floresta de signos, passam de uma forma ou de outra a adquirir a habilidade de lê-las numa aprendizagem que pode-se denominar alfabetização visual.

Diante da fundamentação teórica apresentada, nasce a reflexão: como se poderia propiciar aos estudantes com deficiência visual, a oportunidade de abstrair conhecimento advindo de visualizações sendo essa deficiência uma barreira?

Nesse sentido, vale esclarecer o conceito de visualizar. Deriva-se do latim *visualis* e denota o ato de ver, de tornar visível, de converter algo abstrato em uma imagem mental ou real. Consiste em formar uma imagem mental de algo que não existe ou que está diante dos olhos, a conversão de conceitos em formas visíveis (ANDRADE, 2013).

Porém, para que os estudantes com limitação visual formem imagem mental dos objetos, é necessário que os manipulem. E para entenderem uma imagem abstrata, é imprescindível a sua adaptação em alto relevo ou pelo menos a descrição por uma pessoa vidente.

5 | LETRAMENTO ORAL E AUDITIVO

Com base nas leituras sobre letramento, levam-se em consideração as práticas visuais, orais e auditivas, rompendo o paradigma de sentido vigente na contemporaneidade, a ideia de que este é constituído apenas do letramento hegemônico, centrado nos processos de leitura e escrita.

Andrade (2013) afirma que: os Novos Estudos do Letramento numa perspectiva teórica interdisciplinar, são assimilados a ADC, o que torna a parceria um forte embasamento teórico para pesquisas de cunho etnográfico. Segundo ela, o letramento oral é uma forma eficaz de incluir os estudantes cegos no contexto escolar, pois enquanto os/as estudantes da turma estão focados/as apenas no visual, a oralidade feita somente por uma prática social/excludente. A partir do momento que alguém percebe e descreve a situação oralmente para o estudante, esse passa a ser incluído nas aulas.

Para a autora, a gravação de aula, a escuta das explicações dos professores, fazem parte do letramento auditivo que, em falta do letramento hegemônico, ajuda na

compreensão dos conteúdos desenvolvidos em sala de aula. Mas há uma questão apontada por ela, que traz preocupação: a maioria deles não tem acesso ao letramento hegemônico, por não saber braile, nem tampouco computador, nem auditivo, pela falta de acesso ao letramento financeiro. E às vezes, o letramento oral também fica comprometido devido à falta de conhecimento dos professores das especificidades dessa modalidade de letramento.

6 | LETRAMENTO E TECNOLOGIA

Nos dias atuais, não se deve ignorar que a maior parte das atividades desenvolvidas pelas pessoas, são realizadas utilizando recursos tecnológicos. Para as pessoas com deficiência visual essa situação não é diferente. Elas se valem desses recursos para realizar tarefas.

Numa definição simplista, caracteriza-se tecnologia como o encontro entre Ciência e Engenharia. Inclui desde as ferramentas e processos simples: uma colher de madeira e a fermentação da uva, até as ferramentas e processos mais complexos já criados pelo ser humano. A Estação Espacial Internacional e a dessalinização da água do mar (OMATE, 2008).

Por outro lado, Mazzota (2003) afirma que, por novas tecnologias em educação, entende-se o uso da informática, do computador, da Internet CD-ROM, da hipermídia, da multimídia, educação a distância, chats, listas de discussão, correio eletrônico e de outros recursos e linguagens digitais que colaboram para tornar a aprendizagem eficaz.

Nessa concepção, entende-se que por meio de recursos, tecnologias, métodos adequados, é possível que estudantes com limitação visual tenham oportunidade de enxergar o mundo, diminuindo a diferença de oportunidades de aprendizado em relação aos estudantes com visão normal.

Felizmente nos dias atuais, existem programas leitores de tela com síntese de voz, criados para usuários com deficiência visual, principalmente cegos, recursos que possibilitam a navegação na internet, o uso do correio eletrônico, o processamento de textos, de planilhas e uma infinidade de aplicativos operados por meio de comandos de teclado que dispensam o uso do mouse.

Segundo Sá, Campolina, e Silva (2007), um deles é o DOSVOX, sistema operacional desenvolvido pelo Núcleo de Computação Eletrônica da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Conta com um conjunto de ferramentas e aplicativos próprios: agenda, chat e jogos interativos. O VIRTUAL VISION, um software brasileiro desenvolvido pela empresa Micropower de São Paulo, concebido para operar com os utilitários e as ferramentas do ambiente Windows. É distribuído gratuitamente pela Fundação Bradesco e Banco Real para usuários cegos, correntistas dos respectivos Bancos.

O NVDA (Non Visual Desktop Access), sigla em Inglês para “Acesso Não-Visual

ao Ambiente de Trabalho”, leitor de telas gratuito e de código aberto, um software totalmente livre de custos. O projeto foi iniciado em meados de 2006, pelo jovem australiano Michael Curran. Uma característica que garante um diferencial a esse software é o fato dele não precisar apenas ser instalado no sistema, podendo ser levado em um pendrive, cd ou qualquer outro disco removível.

O Jaws for Windows, (Job Access With Speech), foi desenvolvido pela Freedom Scientific, Estados Unidos. É considerado o melhor e mais completo leitor de telas para plataforma Windows. Tem uma ampla gama de recursos e ferramentas com tradução para diversos idiomas, inclusive para o português. Em nosso país sua distribuição não é gratuita. O mais agravante: é o mais caro dos leitores de tela existentes até o momento no mundo.

De acordo com Andrade (2013), o advento da tecnologia vem transformando as relações sociais, políticas e econômicas entre cidadãos/ãs, governantes e formadores/as de opinião: os meios comunicacionais. Quando se trata de pessoas sem o sentido da visão, o advento tecnológico veio para solucionar um velho problema enfrentado por essas pessoas, a dependência de pessoas sem deficiência para realizar tarefas.

7 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O artigo se insere na pesquisa qualitativa, um campo de investigação que atravessa disciplinas, campos e temas. Associa-se ao fundacionalismo, ao positivismo, ao pós-fundacionalismo, ao pós-positivismo, ao pós-estruturalismo e às diversas perspectivas e/ou métodos de pesquisa relacionados aos estudos culturais e interpretativos (DENZIN; LINCON, 2006).

Estudo de caso, política e ética, investigação participativa, entrevista, observação participante, métodos visuais e análise interpretativa, são seus constituintes.

Mais tarde, passou a incorporar outras áreas: educação, história, ciência política, negócios, medicina, enfermagem, assistência social e comunicações. É considerada um campo interdisciplinar, transdisciplinar, e, às vezes, contra disciplinar.

Uma modalidade de pesquisa adotada no trabalho, a bibliográfica, que se constitui em fonte secundária. Busca-se o levantamento de livros e revistas de relevante interesse da pesquisa realizada. Seu objetivo é colocar o autor da nova pesquisa diante de informações sobre o assunto de seu interesse. Compreende: escolha do assunto, elaboração do plano de trabalho, identificação, localização, compilação, fichamento, análise e interpretação, redação.

No artigo, foi realizada pesquisa de campo, com intuito de diagnosticar reais dificuldades vivenciadas por professores que atendiam estudantes com deficiência visual em escolas inclusivas. Adotou-se duas técnicas da pesquisa qualitativa: Observação Participantes e Entrevista Semiestruturada.

O antropólogo inglês Bronislaw Malinowski fez propostas referentes aos métodos de pesquisa de campo, principalmente sobre observação participante, tendo como

um dos mais importantes de seus trabalhos o escrito em 1922, em que descreve sua inserção entre os nativos da Ilhas Trombiand, no Pacífico. Segundo ele, toda a estrutura de uma sociedade encontra-se incorporada no mais evasivo de todos os materiais: o ser humano.

Por outro lado, Manzini (1991) definiu Entrevistas Semiestruturadas, uma modalidade que se focaliza em um assunto sobre o qual se confecciona um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Segundo ele, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

O trabalho de campo foi aplicado em um Centro Especializado destinado a atendimentos a estudantes com deficiência Visual, situado na RM de Goiânia, Goiás, tendo como base, atendimentos a professores de escolas inclusivas orientados por mim, no segundo semestre de 2018, famílias que tinham filhos com limitação visual, também atendidas por mim no ano corrente e por meio de entrevista com profissional de Telecentro que atendia esses estudantes. Além de duas Palestras em escolas inclusivas na RM de Goiânia.

A coleta de dados ocorreu às segundas, terças e sextas-feiras, no período compreendido entre agosto a outubro de 2018. Foram entrevistados três professores de AEE, entrevista com cinco representantes de famílias e uma entrevista com profissional de Telecentro. Duas Palestras em escolas inclusivas para cerca de vinte professores.

Com base nas observações obtidas nos atendimentos tanto dos professores quanto das famílias, ainda pelas informações obtidas nas entrevistas, percebeu-se que os processos de alfabetização e letramento dos estudantes com deficiência visual nas escolas atendidas, até o momento da pesquisa, ainda era insuficiente. O que se notou durante os atendimentos e as Entrevistas, foi certa dificuldade por parte dos professores em realizar tais processos. E isso vem acontecendo não apenas com estudantes em fase de alfabetização, mas obteve-se informações de que na segunda fase do ensino fundamental também ocorria essa situação.

Pelas entrevistas com os professores, obteve-se informações de que nas escolas onde ministravam aula, havia computadores nas salas multifuncionais. Porém alegaram que a Secretaria de Educação não promovia Curso de Qualificação para aprenderem a utilizá-los. Eles não tinham informações de que nos computadores enviados pelo MEC (Ministério da Educação) já vinham com o DOSVOX instalado.

Nas perguntas dirigidas às famílias, 1. Qual a situação de seus filhos na escola regular? 2. Eles são incluídos nas atividades de sala de aula? As respostas para as duas questões foram unânimes: disseram que seus filhos assistiam as aulas como ouvinte. “Os professores ainda não estão fazendo as adaptações das atividades que trabalham com os demais estudantes.”

Em relação a a escolarização de estudantes de ensino médio e superior,

estes realizavam/necessitavam realizar seus estudos pelo computador e quando apresentavam dúvidas, procuram/deveriam procurar o Telecentro, conforme mencionou o profissional entrevistado. ” O Telecentro funciona para atender às demandas de pessoas com deficiência visual. Se estudante com essa limitação necessitam aprender a utilizar determinada ferramenta do computador: navegar na Internet, enviar e-mail, abrir e-mail, criar e salvar um arquivo, o Telecentro atende essas demandas.”



Figura 2 - Telecentro

Fonte: <https://www.guarulhoshoje.com.br/2016/07/07/telecentro-e-inauguradona-regiao-do-bom-clima/>

8 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelas informações obtidas no levantamento bibliográfico e a pesquisa de campo, obteve-se informações de que o mundo globalizado em que se vive atualmente, apresenta muitas vantagens para seus habitantes: acesso a equipamentos de última geração, notícia em tempo ágil, facilidade para estudar, comunicação rápida entre as pessoas.

Entretanto, há alguns impactos negativos que merecem destaque. Ter acesso aos recursos tecnológicos vigentes, não é apenas utilizá-los superficialmente, mas interagir com suas ferramentas e saber usá-los suficientemente. Em relação ao seu uso na educação, as dificuldades ainda vivenciadas pelos professores para orientar os estudantes, e, muitas vezes até a falta de recursos financeiros para adquirir um equipamento, são entre outros fatores que causam inacessibilidade digital.

Na atualidade, as TIC, são instrumento fundamentais para o crescimento pessoal e profissional. Sua importância tornou-se expressiva, pois às vezes tem seu diferencial competitivo baseado unicamente em informações. Em alguns casos, essas ferramentas causam transtornos desfavoráveis, onde provoca inquietação de um modo geral para as pessoas. E para as que têm deficiência não é diferente.

Por isso, chama-se atenção para uma questão: no processo de escolarização

de estudantes com deficiência visual, a situação é ainda mais grave. Na maioria das vezes os professores não têm qualificação suficiente para orientar estudantes sem deficiência. Imagine se tiverem estudantes com limitação visual em suas salas de aula? Geralmente não acontece o processo de letramento desses educandos, nem por meio do Sistema Braille, nem por meio digital, prevalecendo a linguagem oral.

Uma dificuldade que se percebeu quando se trata do uso das novas ferramentas tecnológicas pelas pessoas e/ou estudantes com deficiência visual, está diretamente relacionada à falta de acessibilidade dos ambientes virtuais, que causa impacto no uso dos programas leitores de tela. Um ponto negativo observado, às vezes as pessoas com deficiência visual, assim como as sem deficiência, dão Ênfase a função lúdica da tecnologia, deixando de lado a aprendizagem de caráter acadêmica.

Também é considerado impacto negativo, o uso em excesso desses equipamentos, ficando a desejar as relações coletivas e partindo para a individualização. Há depoimentos de pessoas com deficiência visual de que o uso em excesso de computador torna-se um processo cansativo, uma vez que a voz dos leitores de tela ainda é bastante robótica e com isso, podem causar irritação.

Desde o início da humanidade aos dias atuais, a forma de linguagem mais utilizada pelas pessoas que têm deficiência visual, foi a oral. Só passaram a ter acesso ao código escrito, a partir de 1824, quando foi inventado na França, o Sistema Braille. Daí até os dias atuais, é considerado o meio de leitura e escrita mais eficaz para essas pessoas.

Porém, com o advento da tecnologia, passaram a ter contato com a linguagem digital. Não resta dúvida de que a utilização dessa nova modalidade de linguagem facilita a vida pessoal, escolar e profissional de indivíduos que têm limitação visual, pela sua rapidez de leitura e escrita, em relação ao Sistema Braille. Ainda pela falta de acesso a esse sistema. Mas é imprescindível não abandonar de vez a leitura e escrita braile, já que a linguagem digital acontece por meios sonoros, deixando a desejar a parte gráfica das palavras.

Convém informar que, para promover a educação inclusiva é preciso haver aceitação das diferenças, acessibilidade, currículo multicêntrico crítico, pedagogia diferenciada, avaliação formativa, formação do professor crítico-reflexivo, gestão participativa, parceria entre família, escola e comunidade e apoio de serviço especializado, sendo que esses princípios são fundamentadores dessa modalidade educativa. (ZAQUEU, 2012)

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 9050: Acessibilidade a Edificações, Mobiliário, Espaços e Equipamentos Urbanos**. Rio de Janeiro: ABNT, 2015.

ANDRADE, Sinara Bertholdo de. **Discursos e letramentos na inclusão de pessoas com deficiência visual no ensino público**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013. 173 f., il.

BARBOSA, M. C. S. **A infância no Ensino Fundamental de 9 anos**. Porto Alegre: Penso, 2012.

BRASIL. Decreto n. 3.298 de 20 de dezembro de 1999. Regulamenta a Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1. Brasília, DF, 21 dez. 1999. p. 10

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FAIRCLOUGH, N. A dialética do discurso. In: MAGALHÃES, I. (org.). **Discursos e práticas de letramento**: pesquisa etnográfica e formação de professores. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2012.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010.

MALINOWSKI, B. **Argonauts of the Western Pacific**. London: Routledge, 1922.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26, 1991, p. 149-158.

MAZZOTA, M. J. S. **Educação especial no Brasil**: história e políticas públicas. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

ROCHA, Aila Narene Dahwache Criado; DELIBERATO, Débora. **Tecnologia assistiva para a criança com paralisia cerebral na escola**: identificação das necessidades. Rev. bras. educ. espec., Marília, v. 18, n. 1, 2012, p. 71-92. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382012000100006&lng=&HYPHERLINK

SÁ, Elizabet Dias de; CAMPOS, Izilda Maria; SILVA, Myriam Beatriz Campolina. **Atendimento Educacional Especializado**: Deficiência Visual. Brasília: SEESP/ SEED/ MEC, 2007.

SANTAELLA, Lucia. **Como eu Ensino**: Leitura de Imagens. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

SARDELICH, Maria Emilia. **Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa**. Cad. Pesqui., São Paulo, v. 36, n. 128, 2006, p. 451-472.

Tabela de Snellen. <http://www.scielo.bbr/pdf/abo/v73n1/v73n1a19pdf>

ZAQUEU, Lívia da Conceição Costa. **Política Educacional Inclusiva**. São Luís, MA: Universidade Federal do Maranhão, 2012.

www.nvda-project.org

www.freedomsscientific.com

SOBRE A ORGANIZADORA

Angela Maria Gomes - Licenciada em Letras; Especialista em Gestão de Pessoas e Gestão de Treinamento & Desenvolvimento de Pessoas pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC/PR) e Coaching em Desenvolvimento Profissional.

Atuação na Educação Formal como: Supervisora de Ensino; Docente em Ensino Médio e Curso preparatório para concursos na área de Língua Portuguesa; Docente em Ensino Superior nas áreas Português Instrumental e Gestão de Pessoas; Relatora do CEP – comitê de Ética em Pesquisa.

Atuação na Educação Profissionalizante como Técnica em Educação Profissional, coordenando cursos de aprendizagem, capacitação e aperfeiçoamento; Instrutora de Desenvolvimento Pessoal.

Participante do Programa Uaná de voluntariado executivo do ISAE/FGV – Curitiba/Pr.

Palestrante nos temas: “Educação: Processo de construção, dos agentes à influência na vida profissional.” ; “Competência Humana como Diferencial Competitivo: Contrata-se pelo currículo, demite-se pelas atitudes.”; “Comunicação Assertiva”;

Atualmente atua na Associação Menonita - Faculdade Fidelis - como docente e revisora dos artigos da Revista científica Cognition, assim como instrutora de formação continuada para professores na Sem Fronteiras Tecnologia para Educação.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise crítica do discurso 33, 37, 38, 39, 41, 47, 48, 111

Análise do Discurso de Perspectiva Francesa 11

Aparências 11, 15, 16, 17, 18, 19

Atores sociais 101, 103, 104, 105, 106, 111

C

Chão Bruto 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 75, 76

Cinema 64, 77, 78, 79, 80, 83, 84, 86, 87, 88

Colaboração 1, 2, 3, 4, 5, 9, 114

Colonialidade 33, 34, 35, 37, 38, 42, 43, 44, 45, 47, 49, 61, 62

D

Decisão judicial 33, 47

Depressão 11, 12, 18, 19, 20

Discurso 2, 6, 10, 11, 12, 13, 14, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 52, 53, 54, 70, 75, 88, 89, 90, 91, 92, 100, 101, 103, 104, 105, 110, 111, 113, 139

E

Educação Básica 112, 115, 117, 119, 120, 122, 124, 129, 134

Educação inclusiva 33, 34, 36, 37, 38, 42, 47, 48, 92, 99

Eliane Brum 142, 143, 145

Empoderamento 28, 101, 102, 110, 111

Espaço Biográfico 50, 54, 55, 56, 58, 59, 63

Estudantes com deficiência Visual 89, 90, 93, 94, 96, 97, 99

Excluídos 18, 50, 60, 62, 120

F

Faroeste 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87

Feminismo 21, 22, 28, 29, 30, 31

Foco narrativo 82, 142

Formação continuada 1, 3, 9, 147

Formação docente 1, 5, 6, 9

Formação do Professor 2, 99, 123, 124

H

Hernâni Donato 65, 66, 72

J

Jornalismo literário 142, 143, 144, 145, 146

L

LE 1, 112, 116

Letramento 89, 91, 93, 94, 95, 97, 99, 100, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 135

Letramento literário 123, 124, 126, 127, 128, 129, 135

Língua Espanhola 112, 116, 117, 118, 120, 121, 122

Linguística 1, 8, 9, 11, 21, 24, 27, 33, 38, 49, 50, 53, 54, 65, 77, 89, 90, 99, 101, 103, 105, 111, 112, 115, 116, 118, 122, 123, 138, 142, 147

Literatura Amazonense 123, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136

Literatura Social 65

M

Mal Secreto 11, 12, 14, 15

Maria Moura 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88

Memes 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32

Minissérie 77, 78, 80, 81, 85, 86, 87

Mulher 28, 29, 30, 31, 69, 70, 77, 78, 80, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 109

Multimodalidade 21, 22, 24, 28, 32, 138, 139, 140, 141

P

PEC 241/2016 112

Pessoa com deficiência 33, 34, 35, 36, 41, 43, 48, 91

Políticas de identidade 50, 60, 61

Prática discursiva 21, 23, 26, 27, 30, 31, 38, 41

Prática inter-reflexiva 1, 5, 6, 7, 9

R

Raimundo Correia 11, 12

Recursos tecnológicos 23, 89, 93, 95, 98, 138

Repórter-personagem 142, 143

Representação de futuro 101, 107

Ressemiotização 138

S

Sociolinguística interacional 138, 139, 140

T

Texto multimodal 21, 24, 25, 138

V

Vídeos 25, 138, 139, 140

Vinculação 22, 142, 143, 144, 145

